



Gaiato



Quinzenário • 14 de Dezembro de 1991 • Ano XLVIII — N.º 1246 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

O Natal tem rosto

O NATAL tem rosto; e tem nome. Qual o rosto que vos prende e o nome que escolheis? Que significa para vós o Natal? Perguntas e mais perguntas lançadas à procura de resposta em vossos corações.

Sim, deixemos os livros. O catecismo também. Importa o que cada um está a escrever com seus gestos de pessoas adultas. Os sentimentos revelam-se no comportamento. Como sentis o Natal? Que fazeis? Vossos filhos e as crianças seguir-vos-ão.

O GAIATO apresenta um rosto para ajudar. Fixai-o. Encontro-me com ele todos os dias. Comemos à mesma mesa; tão pertinho um do outro que os olhos se cruzam em cada gesto.

Diz o profeta Isaías: «Nasceu-nos um Menino, foi-nos dado um Filho».

Onde está o Menino, onde está o Filho? Qual o seu rosto? Qual o seu nome? Em cada criança está o Menino, está o Filho.

Naquele tempo, nasceu um com o nome de Jesus. A sua história no meio dos homens começou em todo o ser duma Mãe. História linda porque de Amor. Entrou no caminho de todos os da terra para que todas as crianças tivessem a dignidade de filhos. O Natal é este encontro maravilhoso de Jesus com todos os meninos. Mas ainda não é. E que fazemos para que seja? Como é possível celebrar a Festa com egoísmo e indiferença, de coração isolado numa ilha de conforto desumano?

O GAIATO apresenta hoje um rosto do Menino; e tem nome; chama-se José Filipe. Tem a sua história também. Eila: «Nasceu a 20 de Março de 1985, filho de F, preso há 4 anos por roubo com pena de 14 anos; e filho de F, que vive da prostituição».

Um rejeitado...

O José Filipe foi rejeitado. Fica semanas fechado nas pensões onde a mãe vai morando; porque grita de estar fechado mas, e nem sempre pagam, são escorraçados pelos hospedeiros.

O miúdo, embora um pouco excitado, como se compreende da vida abandonada e vadia que tem levado, parece

Continua na página 2



Vivia
no terceiro mundo
com todas
as marcas da Rua...!
Agora, feliz,
o nosso Filipe
ri por tudo
e por nada!
Talvez ninguém
expressasse
tão bem,
aos leitores,
a santa
Alegria de Natal!

Ecos d'África

As Instituições Particulares de Solidariedade Social não existem para resolver todos os problemas, mas para serem agulhão contra os males que se aninham no coração das pessoas e estruturas geradoras de injustiças e misérias sociais.

Portugal tem centenas de Instituições Particulares de Solidariedade Social. A Igreja vai à frente. Mas não sei quantas, chamadas oficiais. É uma mesa cheia! Se mais houvesse mais cheia ficaria e os problemas continuariam a bater-lhes à porta. As Instituições não existem para resolver todos

os problemas, mas sim para serem o agulhão, pelo seu testemunho e pela sua voz, contra os males que se aninham no coração das pessoas e estruturas geradoras de injustiças e de misérias sociais.

Angola e Moçambique, nesta hora, são mesas vazias, que nem migalhinhas têm. Falo de Instituições de Solidariedade Social. São povos que fazem parte da nossa História. O sangue de Portugal corre nas veias destas nações irmãs. O sangue da Mãe Igreja regou-lhes o chão.

Será que se pode ficar em paz ou, quando muito, numa preocupação estéril, incapaz de gerar decisões e levar as pessoas a dar o salto da Solidariedade numa atitude de Fé, sem medo de perder quando se dá por justiça e amor? Somos poucos ou poucas; não somos novos ou novas; mas somos uma mesa cheia quando, ao nosso lado, há mesas sem nada. É um problema sério! Os servos do deus dinheiro não dormem; não descansam. Vão; arriscam; matam-se e semeiam valores que, quando sozinhos, geram injustiça e uma sociedade desumana, onde poucos comem muito e

o povo contenta-se com as migalhas que vão caindo de suas mesas.

Só a Igreja e mais ninguém, com suas obras e movimentos, está em condições de levar calor humano, a partir do seu testemunho, aonde o dinheiro e a técnica levam o desenvolvimento em função do lucro e da riqueza material. Que desafio?!

As portas estão abertas e a casa do povo é acolhedora e está à espera.

Creio que é com este espírito que a Obra da Rua se lança na aventura de retomar a sua actividade em Angola e Moçambique. É uma mesa pobre, mas, graças a Deus, tem muito em comparação com nada dos dois Povos. Quer repartir o que tem de suficiente na certeza de que não lhe há-de faltar o que precisa para acudir onde for necessário. Nesta linha entram aqueles que, desde as primeiras horas, nos têm dado a sua mão. Eis alguns testemunhos: «É sempre com muito interesse que leio O GAIATO, 'recheado' como sempre vem de factos e coisas que nos não podem deixar indiferentes. O cheque que envio será para ajudar a

Continua na página 3

Tribuna de Coimbra

Dois mundos diferentes do grande mundo

Em Fátima visitei dois mundos diferentes da maior parte do outro grande mundo. Com um pequeno grupo fomos ver a Casa do Bom Samaritano e o Centro Nacional de Apoio a Deficientes Profundos. Duas famílias grandes, fruto de muitos anos de quem as criou e conserva com vida. A Casa do Bom Samaritano é obra das Irmãs Franciscanas da Divina Providência. O nome da Instituição e das Irmãs já diz alguma coisa. Mas a vida lá dentro diz muito mais. A Obra recebe mulheres abandonadas. Quase todas deficientes mentais. São oitenta. Muitas já em cadeiras de rodas. Várias salas cheias

de vida, de sol e flores. O pequeno parque ajardinado. A sala-capela com motivos litúrgicos e pinturas com cores vivas. Muitas caras com sorrisos. Uma das utentes estava presa à sua agulha a fazer malha. Ao lado, um cesto cheio de coisas. Viveu muitos anos a pedir no Santuário, sempre com um cesto cheio de coisas variadas. Incomodou muita gente. Foi levada quase à força para aquela Casa. Nunca mais de lá quis sair. Já nem tem saudades de vir à Capelinha. Outra perguntou os nossos nomes. Que alegria senti ao recordar os seus irmãos Manuel e António! Outra ainda fez-nos muitas perguntas e sorria-se a cada resposta nossa. Perguntámos à Irmã que nos acompanhou qual a maior necessidade daquela Casa. Resposta espontânea:

«Temos muita falta de irmãs que queiram vir para podermos aceitar tantos pedidos à espera. O dinheiro virá depois. Confiamos na Divina Providência».

Humildade

Regressámos pela estrada estreita que nos levou. Estas Casas não podem ter estradas largas, nem portas com grandes vistas. Se não houver humildade não se caminha para lá, nem se pode lá entrar.

Tomámos outra rua estreita e seguimos até ao Centro de Apoio a Deficientes. Continua em obras. Já tem oito famílias com doze pessoas em cada

Continua na página 3

Conferência de Paço de Sousa

• Éramos três vicentinos inquietos por dar guarida a um Pobre sem casa.

Se houvesse uma, do Património dos Pobres, desocupada, o caso ficaria logo arrumado.

Nesta região, dormitório de grandes urbes, as moradias do Património dos Pobres continuam indispensáveis, pois no domínio da construção imobiliária as famílias mais carenciadas são esquecidas... pelo progresso! Quem diz famílias diz Pobres solitários, Indigentes que mal têm para a sua subsistência, quanto mais para um aluguer.

Sabemos, por experiência, que o ser, o agir, as normas simples do Património dos Pobres não são fáceis, pois as casas abrigam Pobres. Seja a conservação dos imóveis, os problemas específicos de cada utente ou, mesmo, a vida de relação entre eles (...). Isto obriga a muita perseverança, doação — incompreensões, tudo marcas de quem se dispuser voluntariamente a servir.

Fomos três ver a barraca do Pobre, incluindo o presidente da Conferência que retomou funções. Decidimos, então, ampliar mais uma casa do Património. Medimos. Passámos recado ao trolha que termina a reparação doutra, ao lado, cuja ocupante — de propecta idade — passará um Inverno mais doce. Não discutimos preço. Os trabalhadores só debitam os salários para o seu pão de cada dia...

O futuro utente, admirado, nem fez comentários, traumatizado pela doença, pelas sequelas da miséria.

PARTILHA — Casal-assinante 10770, de Santo Ovídio (Vila Nova de Gaia), lembra os Pobres da nossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus — não há outro Nome igual ao Nome de Jesus! — com três notas de mil e, pelo que afirma em singelo cartão de visita, «*basta uma referência n' O GAIATO*». Aqui está!

Outra «*migalhinha*» do assinante 26271, Rua da Alegria, da Capital do Norte, «*para acudir a tantas aflições que leio no Famoso*».

Presença habitual: «*Cheque de 5.000\$00 (assinante 42971, de Ovar) que se destina aos Pobres mais necessitados e, em geral, aos mais envergonhados, da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, por minha intenção*». O Senhor, nosso Deus, já registou no Livro da Vida!

Vancouver (Canadá), no outro lado do Atlântico, vinte dólares e um estímulo que safu da alma desta velha Amiga: «*Vamo-nos*

RETALHOS DE VIDA

XAVIER



Eu sou o Xavier Guedes Pereira. Tenho 12 anos.

Frequento a quarta-classe da Escola Primária.

Gosto de estar na Casa do Gaiato porque encontrei amigos e senhoras amigas.

Fora da Escola ocupo o meu tempo na tipografia.

Vim para a Casa da Gaiato porque uma assistente social me meteu cá.

Tenho oito irmãos: dois morreram, quatro estão em Espanha, uma irmã em Matosinhos e eu sou o mais novo.

Quando for homem, quero ser um camionista da TIR.

Xavier

Pelas CASAS DO GAIATO

TOJAL

aproximando da Festa do Nascimento de Deus-Menino. Todos deviam ter festa nesse Dia... Envio esta importância para um Pobre ao vosso encargo, pedindo uma oração pelo meu filho.

Ninguém melhor do que as Mães avaliam as carências dos Outros! Maria do Rosário, do Porto, promete «*mandar uma pequena migalha antes do Natal*». Curiosamente, e porque os pobres ajudam os Pobres, acrescenta: «*Gostaria de ser mais assídua, mas só o faço quando me é possível. Desculpem a letra e a redacção, porém os meus 83 anos não dão para mais*». Damos graças a Deus pela sua propecta idade!

Como os últimos são os primeiros, aqui temos «*a partilha de Agosto/Setembro*» de «*uma Assinante de Paço de Arcos*», que é certa há muitos anos — com a Amizade da primeira hora.

Em nome dos Pobres, muito obrigado — e votos de santo Natal para todos os seus Amigos.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

QUADRA DE NATAL — Chega a época mais querida do ano. Como é tradição, em quase todo o mundo, todos os anos se faz um presépio de Natal. Por isso, na Casa do Gaiato, a malta fá-los em cada uma das suas casas. Mas é um presépio completo e bem representativo, visualmente. Vale a pena os senhores leitores verem, todos eles de vários feitios, pois os mais novos apostam que será um sucesso.

OFERTAS — A «*Longa Vida*» ofereceu, para a nossa Casa, centenas de caixas de batatas fritas, que servimos na maior parte das refeições. Aqui vai um muitíssimo obrigado.

Além de batatas fritas, alguém ofereceu bananas. Outro muitíssimo obrigado a quem teve a ideia.

FRUTA — Colhemos os dióspiros, já maduros, que farão parte das nossas sobremesas.

Paulo Alexandre («*Rambo*»)

NATAL — É um dia muito importante do ano litúrgico. Todos estamos desejosos de que ele chegue, pois sabemos que é de festa e os nossos «*Batatinhas*» mais ansiosos, pois receberão as desejadas prendas.

É um dia em que todas as famílias estão reunidas, mas não deixam de ficar convidados. Vamos já pôr à prova muitos dos nossos números. Se saírem bem, ficarão para a Festa do ano 92. No dia 24 teremos, às 22 horas, um Auto de Natal seguido de algumas danças e cantares; dia 25, às 15 horas, o mesmo programa. Por isso, todos estão convidados.

VACARIA — Mais um vitelo! Há muito tempo que não se falava das ovelhas. Agora, com dois novos pastores, que nasceram dois cordeiritos. Tudo isto só para dar alegria aos novos pastores, esperam outro rebento para o ano, necessários para a festa da Páscoa.

FUTEBOL — Os mais pequenos deontaram uns rapazes que moram aqui, na zona, e venceram por 5-3. Para eles fica a alegria de saberem que nem só os grandes são grandes!

Luís Miguel Fontes

MIRANDA DO CORVO

DESINTERESSE — A nossa Casa atravessa uma fase onde a maioria dos rapazes se situa numa faixa etária baixa, logicamente a percentagem de mais velhos é diminuta. Talvez por influência desse facto a nossa malta tem vindo a desleixar-se em relação a certas actividades, por vezes interessantes e de grande valor pessoal, que nos ajudam a crescer e nos instruem.

A palavra irresponsabilidade já foi menos usada, entre nós, porque existem situações em que o rapaz não tem interesse ou distrai-se e não faz bem feito, quando o benefício é para ele próprio. Dá a impressão que não se quer valorizar através da actividade efectuada e que reflecte um pouco a sua personalidade.

Falo, por exemplo, no estudo. Estudam, mas para alguns dá a impressão que é uma obrigação, não uma forma de valorização do seu nível intelectual. Nesta situação, o chefe passa de amigo e companheiro a polícia ou supervisor — o que é desagradável. Que pena!

Será que nos estamos a desleixar até perante o nosso futuro?

Será que não existe um pouco de vontade de vencer? Ou não gostamos de nós mesmos?

Rapazes: Não podemos desinteressar-nos das pequenas coisas que nos rodeiam, se não

tornamo-nos como as pessoas que anseiam conseguir coisas grandiosas sem ter consciência de que a vida é feita de pequeninas coisas.

A NOSSA QUINTA — A azeitona começou a cair, apesar de não se apresentar totalmente madura. Um grupo já colheu alguma para «*retalhar*», para ser guardada e consumida durante o ano, acompanhando algumas refeições.

As oliveiras prometem uma abundante colheita!

Comprámos uma máquina que abana os ramos das oliveiras, facilitando a colheita da azeitona. Está numa fase experimental, mas dá bons resultados. Poupa tempo e trabalha eficazmente. Esperamos que não estrague as árvores...

O couval apresenta-se viçoso. A grande refeição de couve será na ceia de Natal.

António Maria

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Cabe-nos levar a paz e harmonia a todos, especialmente aos irmãos mais necessitados. No caminho do dia-a-dia para Ele, encontramos a força do saber ouvir e aconselhar. Quantas vezes nos esquecemos deste pormenor! Com Deus encontramos a luz que brilha no nosso caminho e quebramos a rotina...

O comodismo torna os hábitos rotineiros e cega-nos. Os Pobres esperam, de nós, o brilho da luz; ajudá-los a caminhar é dever dos vicentinos.

Foi com alegria que vimos sair o último Pobre do *casarão*. Estão todos alojados em casas da Câmara. É vê-los felizes! Os poucos haveres que possuem são insuficientes para um mínimo de conforto. Roupas de camas e cobertores são a primeira necessidade.

O Natal está a porta. Os mais pequenitos não se cansam de perguntar quando é a festa...

TENHA O SEU POBRE — Anónimo com 1000\$00; assinante 10770, 3000\$00; de V. N. Famalicão, A. Moreira, 3000\$; Anónimo da Rua Gonçalo Cristóvão, Porto, 10.000\$00; outros do Porto, 2000\$00; Assinante 44842, para ajuda da compra de leite, 3000\$00; para a mãe que tem o filho preso, 20.000\$00 de J. M.; Senhor Adão, 10.000\$ e muito obrigado pela ajuda que dá, nos óculos, aos nossos Pobres.

Uma amiga, de Fiães, 6000\$00; J. R. D., 1.600\$00. De V. N. Azeitão, mês de Agosto e Outubro, 10.000\$00 tirados da pequena reforma para ajudar a mãe que tem o filho preso. Assinante 50763, 10.000\$00, importância que iria gastar num almoço com amigos.

A. T. Cunha, em vale dos CTT, 5000\$00.

Duma velhinha que vive unicamente da reforma, 2000\$00 para a mãe que tem o filho preso. Anónimo, de Lisboa, 20.000\$, idem. Do lugar do Cruzeiro, Lousada, para ajudar aquela vicentina tão desanimada por não poder satisfazer o pedido da mãe, já de idade avançada, 10.000\$00. Amiga, da Holanda, 7000\$00. Assinante 12088, 10.000\$00 para a D. Manuela. V. N. Gaia, 5000\$00. M. F. P. e M. M. para a renda duma senhora idosa.

Aproveitamos para informar que temos recebido ajuda para o aluguer da casa.

Para todos, muito obrigado.

Adelaide e Zé Alves

Cooperativa de Habitação

Começamos por transcrever alguma correspondência recebida:

M. da Luz, de Lisboa: «*Ao ler no 'Famoso' as notícias da 'procição' que caminha no sentido da Cooperativa, sentimos o dever de nos incorporarmos nela com a mesma devoção que sempre animou os que seguem a sementeira das palavras ditas pelo Padre Américo. Junto uma pequena lembrança de 20.000\$00 que será simbolicamente a nossa ajuda na concretização dos sonhos dos antigos gaiatos*».

A. Figueiredo, de Lisboa: «*Desejo as maiores graças para os que estão ligados à Obra da Rua, e envio um cheque de 80.000\$00 destinado a apoiar a construção de residências para antigos gaiatos*».

M. Piedade, de Pombal: «*No mês passado recebi uns retroactivos que já há muito estavam quase perdidos e finalmente chegaram. Como já não fazia conta com eles, mando um cheque de cem mil escudos, quase a totalidade que recebi*».

Que comentários vamos fazer ao conteúdo destas cartas? A solidariedade humana de quem as escreveu é bem visível, por isso nada mais a acrescentar.

A construção dos 19 fogos está em andamento. Esperamos que o ano de 1992 seja de muita alegria para alguns antigos gaiatos.

Estamos no final de 1991. Ao fazermos uma análise da actividade da Cooperativa, confessamos que não estamos totalmente satisfeitos, principalmente devido à terrível burocracia que enfrentámos desde a entrega dos projectos para aprovação, em Novembro de 1990! Hoje porque falta isto, amanhã aquilo, e assim passam meses e até anos! Não estamos satisfeitos porque vamos terminar o corrente ano sem obtermos os documentos necessários para se concretizar o contrato com o Instituto Nacional de Habitação que financiará

este primeiro empreendimento...

É caso para dizer: — Maldita burocracia... que não nos deixa andar para a frente!

No aspecto positivo, salientamos a solidariedade dos amigos da Obra da Rua que nos têm ajudado materialmente e, também, através de cartas, verdadeiras mensagens de amor e carinho aos nossos irmãos gaiatos.

Gostaríamos, ainda, de deixar um agradecimento muito especial ao Arq. Arnaldo Barbosa. Para além de ter feito, gratuitamente, o projecto desta obra e nos dar apoio técnico, conseguiu que os Eng.º Salinas e Rodrigues Gomes oferecessem os cálculos de betão armado e electricidade, respectivamente.

Em nome de todos os gaiatos o nosso muito obrigado, com os votos de Boas Festas e um Ano Novo cheio de prosperidades.

Carlos Gonçalves

Associação da Comunidade O GAIATO - Setúbal

Desde a fundação a nossa Associação foi crescendo, a sua experiência alargada, sentindo a responsabilidade, e em toda a parte é testemunho vivo da Obra da Rua. O principal objectivo: continuarmos a ser irmãos na amizade, na solidariedade. Somos uma Obra de Gaiatos, para Gaiatos, pelos Gaiatos.

Realizámos, em 17 de Novembro, a Assembleia Geral extraordinária para eleger novos corpos gerentes. Houve uma presença muito grande dos sócios, com suas esposas e filhos. Correu tudo bem, no Lar do Gaiato, em Setúbal. Presidiu o Joaquim Vilhena. Falou da responsabilidade e da importância do acto, pois estamos juridicamente legalizados. Foram reeleitos, por unanimidade, os seguintes órgãos sociais:

Direcção — Presidente, José Marques Rodrigues; Vice-Presidente, Américo Correia; Tesoureiro, Domingos Alves Barbosa; Secretário, José Manuel dos Santos.

Conselho Fiscal — Presidente, Manuel Santos Leitão; Secretário, Paulo Alexandre C. Santos; Relator, António Vieira Pereira.

Assembleia Geral — Presidente, Joaquim Luís M. Vilhena; Secretário, José Manuel Santos Lopes; Vogal, Daniel José da Silva.

Estão constituídos os corpos sociais da nossa Associação até 5 de Julho 1992.

Para todos os gaiatos, feliz Natal.

Américo Correia

O Natal tem rosto

Continuação da página 1

normal e mesmo inteligente, expressando-se muito bem. Assim é. Mais um que não tem a dignidade de filho, nem ao nascer nem nos primeiros anos de vida. É Natal para ele quando puder sorrir. Um direito que lhe pertence. Aí o tendes a celebrar a Festa porque a Casa do Gaiato o gerou de novo, «no Menino que nos nasceu, no Filho que nos foi dado». É o Mistério que se revela na vida; que se revela na experiência!

O Natal tem o rosto de todos os meninos da terra; e



SETÚBAL

Malanje

Bairros sociais alternativa deficiente

As dificuldades encontradas para resolver de vez, ou ao menos atenuar, a problemática habitacional são muitas mas não insuperáveis nesta altura.

Os bairros sociais apresentam-se como alternativa bastante deficiente sob o ponto de vista sociológico: Segregação das pessoas pobres, de baixo nível cultural e humano, que transformam quase sempre estes centros habitacionais num verdadeiro inferno pelo desleixo higiénico, pela falta de privacidade, pelo barulho dos rádios, leitores de cassetes e televisões, pelo ralar doméstico, facilmente comunicativo, pelas discussões com vizinhos, pelos desacatos e mortes e, hoje sobretudo, pela facilidade, neles encontrada, de serem centros de consumo e passagem de droga e monopolizadores de prostituição.

Com uma certa capacidade económica que as classes médias vão adquirindo, começam a aparecer andares em 2ª mão à venda, disseminados no tecido humano diversificado, sem os inconvenientes sociológicos dos referidos bairros e surgem, também já, em toda a parte, empresas de mediação imobiliária que aqui vêm comer a sua fatia.

São precisos juros compatíveis com os rendimentos familiares

Era altura de o Governo disponibilizar dinheiro a juros compatíveis com os rendimentos familiares para aquisição de casinhas com vantagens de toda a ordem e rendimentos humanos, a longo prazo, bem mais compensadores.

Era altura de o Governo marcar regras de excepção à concorrência bancária e vocacionar instituições de crédito, patrocinadas pela

o nome das crianças do mundo inteiro. Como celebrais o Natal?

À hora em que escrevo, passam diante de mim como num écran, os gaiatos das ruas de Portugal; e, porque os conheço e vi, há pouco tempo, os de Angola, sem Natal — ainda não foram gerados de novo — falta-lhes o coração da família para começarem a ter uma história de amor. O Natal é a história do Amor! Quem dera que gerasse a senhora que quisesse ser mãe e ajudasse a preparar outras mães africanas... Que aflição, meu Deus!

Padre Manuel António

Caixa Geral de Depósitos para este efeito, e não atirar para as Câmaras a resolução destes gravíssimos problemas, pois é sabido que algumas não ligam nada e, quando o fazem, acontecem sempre em busca de dividendos políticos que os Pobres normalmente não fornecem.

Foi tornado público pelo Chefe do Executivo, na T.V., que a Caixa Geral de Depósitos comprou dois bancos em Espanha.

É saudável a notícia para os meios financeiros do País. Toda a gente de senso gosta de ver uma empresa a progredir.

Não há muitos meses que soubemos, particularmente, que a mesma haveria comprado igualmente 45% do Banco Nacional Ultramarino.

Já aqui lembrámos, e tornamos a repeti-lo, que a referida banca está a concluir uma magnífica e grandiosa sede na Capital, rivalizando com os mais poderosos empreendimentos bancários europeus.

A gente vai a qualquer uma das suas sucursais e perde mais de uma hora para realizar cada movimentação monetária, tal a avalanche de gente nas bichas à espera de vez.

Até nos pobres e pequenos cheques, donativos aqui chegados, se verifica a ampla clientela da Instituição.

A Caixa é do Estado. Está nas mãos do Governo ou, pelo menos, depende muito dele.

Por ela circulam os dinheiros públicos em grande parte.

Nela se depositam, sem encargos nenhuns, os mandados dos tribunais, litigiosas rendas de casa e outros dinheiros mortos que rendem somente para a referida entidade.

Ali se efectuam os rendos dos penhores de que os Pobres são sempre as vítimas.

Dívida social

Ora, me parece que estes valores têm uma pesada dívida social que deveria reverter em favor dos sem-casa. Ao apoderar-se deles, a Instituição e o Governo cometem uma gravíssima injustiça.

Alguém desabafava, há dias, em lágrimas, que tendo pedido emprestado à Caixa seis mil contos, iria pagar, ao fim de vinte e cinco anos, mais de vinte e cinco mil.

A nossa queixa amarga contra esta política económica que vai à habitação buscar uma fonte de rendimentos tão iníquos, tem o seu fundamento e a sua força n'aquele que é Justo — Jesus.

Jesus que está em cada homem, mas muito especialmente no Pobre. Nascido numa cabana de animais proclamou que ninguém pode servir a Deus (aos Pobres) e ao dinheiro. Não fez outra coisa senão pregar a Justiça. Ele é que é o Homem Perfeito, o Homem do Progresso. Tudo o que pr'af se proclama é ilusão.

Padre Acílio

Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

uma. Brevemente contam receber e formar outras tantas. Tudo com muita beleza. Com muitas flores, com muito carinho. Um mundo de gente que podia ferir-nos pelo abandono. Mas não. Tudo e todos tão bem cuidados — que nos anima!

«A Lucília tem 14 anos. O pai é doente mental. A mãe está cancerosa. Não fala. Não caminha.»

«A Sandra tem 5 anos. A mãe é doente mental. Não caminha, não come pelas próprias mãos.»

«A Maria de Lurdes tem 16 anos. Abandonada pelo pai. Não anda, não fala, não come pelas próprias mãos.»

«O António tem 15 anos. A mãe faleceu, o pai é alcoólico. Não vê, não come pelas próprias mãos.»

«O Cláudio tem 12 anos. Não fala, não caminha, não come pelas próprias mãos.»

Estes são dados de alguns ali a viver. Mas o ambiente familiar e acolhedor que ali se encontra ajuda-nos a aceitar o mistério daquelas vidas.

Faz bem este ambiente espiritual em Fátima

A obra está a crescer. O plano é para receber 450 pessoas. É já resposta a muitos milhares que em Portugal se sentem abandonados. Sempre à espera. Faz-nos bem este ambiente espiritual que Fátima quer ser e que Nossa Senhora pediu. Faz-nos bem misturarmos estes mistérios dolorosos sofridos por muitos irmãos. Há tanta gente que vem a Fátima e vai de cá com o coração e alma vazios!

Vir a Fátima por turismo vale sempre pouco. Nas casas de comércio encontramos muitos Meninos Jesus lindos e com ricos vestidos. Mas todos sem vida. Só lindos aos sentidos. Nas duas Casas encontramos muitos Meninos Jesus vivos. Muitos Meninos Jesus sofredores.

Que este Natal seja feliz para todos e Jesus não Se sinta abandonado em tantos.

Padre Horácio

Com humildade aceitamos a dor do cativoiro...

Não é já o lugar aprazível onde os malanjinos gostavam de levar os filhos para o parque infantil e a lagoa. Em todos os domingos a nossa Casa do Gaiato se adornava com os risos das crianças.

Hoje, porém, os baloiços sem correntes esperam no meio do capim e a lagoa está vazia. As casas, como fantasmas sem janelas nem portas, estão vazias de tudo...

Iremos em Janeiro. Levaremos correntes para que os baloiços cantem de novo; e faremos um barco. É importante que os baloiços estremeçam e os remos façam chap... chap... nas águas tranquilas.

Claro que estamos pensando nas portas e janelas de todos os edifícios; nas carteiras e quadros pretos da escola; no fogão, geladeira, pratos e colheres, camas e colchões, ferramentas e máquinas das oficinas. E mais: um tractor e motores de rega; na canalização e instalação eléctrica. Tudo, enfim, o que uma Aldeia do Gaiato precisa para que uma centena de rapazes se sintam bem e tenha os meios necessários para se tornarem homens.

É, lógico, de novo, as vacas nos parques; os porcos fazendo «gritaria»; os galos anunciando as madrugadas; e as abelhas com seus favos gigantes nas vigas dos telhados.

Nos domingos, pela estrada e picadas, novamente, os grupos de cristãos para, em festa, celebrarmos a Eucaristia na linda Capela de pedra. Para tal, limparemos os vitrais que ficaram por quebrar e colocaremos no lugar próprio o altar de uma só pedra trabalhada.

Também, o belo cruzeiro com o pedregulho do sopé virá para o seu lugar — o centro da Aldeia.

Continuação da página 1

reconstrução das Casas do Gaiato em Angola e Moçambique. Que Jesus e sua Mãe velem por toda a vossa bela Obra».

Hora grande para a Obra da Rua

Quem nos dera ser purificados de quaisquer intenções que não sejam as de dar a mão, com conhecimento e sabedoria, aos Pobres, aos filhos da rua, naquelas terras! Em hora tão grande para a Obra da Rua, que os seus passos sejam dados, como no princípio, pela força do Santíssimo Nome de Jesus e Sua Mãe!

Mais um envelope e meia dúzia de linhas: «Este cheque é destinado às vossas Casas de Malanje e Benguela». Outro: «Como se está a aproximar o Natal e, em memória do meu marido, junto o cheque para ser entregue aos que estão novamente nas Casas do Gaiato d'África». Dos humildes que fazem a experiência da luta pela vida, no dia-a-dia, chegam palavras de estímulo: «Grande é o poder de Deus e a Sua ajuda inestimável. Sei que ele continuará convosco na grande 'Empresa' de Angola e Moçambique». Um pormenor: «(...) E também para umas três ou quatro telhas das obras de Angola e Moçam-

Ecos d'África

bique». Mais: «Junto a esta um cheque destinado às obras das Casas de Angola e Moçambique».

Quanto carinho e empenho vai chegando à mistura com a delicadeza da oferta! «Esta importância enviada destina-se ao que for mais necessário, mas gostaria que uma parte fosse para as Casas de África. O Senhor bafejou-me com uma grande graça e penso que a melhor maneira de agradecer será ajudar quem precisar». Há quem tire do seu vencimento e reparta: «Junto esta migalha do meu ordenado para ajudar o Padre José Maria em África, com um abraço do Domingos e da M. Carmo. Ele sabe quem nós somos». Mesmo fora de Portugal há os que querem pôr algo de seu. Um testemunho saudável e decidido: «Força! no regresso a África! É um grande passo que o Senhor acompanha com a Sua graça; e uma fonte de rejuvenescimento para a Obra, Padres e Rapazes, e para nós, os de fora!» Quem dera!

Quem esteve em África e fez algo de bem vibra com o projecto

Os que, um dia, estiveram em África e algo de bem fizeram, vibram com o projecto e marcam com nota de ternura o seu pequeno dom: «Para uns pacotinhos de leite para a Casa do Gaiato de Benguela».

As pessoas falam e, no seu entusiasmo, não têm medida: «Alegrou-me muito a notícia do vosso regresso a Moçambique e, se é possível, a minha admiração subiu ao ver como vós, com tanta falta de ajuda humana, conseguis forças para abraçar mais essa Cruz. Mais sensível se me tornou a mão de Deus e a ajuda de Pai Américo».

É preciosa a ajuda desta mãe: «O cheque que agora envio tem também a participação de meus dois filhos. Gostariamos que fosse para ajudar a erguer a Casa do Gaiato de Moçambique. Tenho pena de não ajudar mais. Prometo que voltarei a fazê-lo logo que possível». Mais outra: «Tive grande alegria quando vi que regressaram a Angola e Moçambique. Envio esta importância para a Casa do Gaiato de Malanje que conheço e amo».

Outras mensagens ficam guardadas para o próximo número.

Padre Manuel António

Aceitamos, com humildade, a dor do cativoiro... Lição que o Senhor deu para nos conduzir a um maior amor e dedicação pelas crianças.

Mãos à obra!

Logo que esta nossa Casa se encha com elas de risos e cantares, dançaremos ao som das cítaras que retiraremos dos «galhos dos salgueiros».

Até lá, mãos à obra... A vossa e a nossa mão. «Ó meu senhor, dê a mão àquele... Dar a mão... Ele haverá coisa mais bonita!» — diria Pai Américo.

O primeiro a dar a mão foi o nosso Padre Horácio com o custo duma carrinha. A seguir, a Mafília com 50 contos para colheres e garfos. Veio o 1º malanjino — Carvalho de Azevedo — que foi lá Governador, com 10; e a 1ª malanjina — Luísa Costa com 400 pares de peúgas.

O Eduardo Castro tomou a peito falar a todos os malanjinos; e o Vilela de Matos aos da região de Braga. O Tó Laurindo, em Bragança, e o Elídio Rito em Mogadouro.

A firma Cunha Gomes prometeu louças sanitárias. De Mogadouro veio o Dr. Pardal com 50; e de Bruçó, o Tó Laurindo com 20; e do peditário das senhoras de Bruçó, 60. Meus primos, com recato, mil contos. O amigo Marques, que foi dos primeiros a ir para as Colónias de Férias com o Pai Américo, deu duas máquinas de costura. Casa Guimar, de Miranda do Corvo, um colchão de casal. Irmãs Carmelitas, de Braga, 15; e o amigo Adriano F., 10.

Estão longe as crianças de Angola... Mas, deste modo, poderemos chegar até elas.

Padre Telmo

O Direito das Famílias

Coincidências

É curioso (e muitas vezes assim tem acontecido!) que, sem sabermos uns dos outros, nos juntamos a escrever sobre um mesmo tema, cada qual segundo a sua inspiração e o seu jeito, de modo que aquela edição d'O GAIATO sai com uma tônica principal: o dito tema.

Foi assim o derradeiro número. Desde Moçambique até este cantinho ocidental da Europa, quase todos os redactores do Famoso nos debruçámos sobre a Família e os seus problemas. Padre José Maria partilhando a alegria do reencontro de alguns dos rapazes que foram seus filhos (e são!) — seu desejo veemente desde a hora em que repisou terra à beira do Índico; outros evocando dramas de rapazes recém-chegados ou em esperança de um lugar — histórias tão frequentemente repetidas a revelar doença da instituição familiar; outros a denunciar carências de estruturas e de autoridade, que impedem tantas famílias de serem célula saudável do povo que todos nós constituímos.

Alegrem-me estas coincidências, sinal do mesmo Espírito que sopra em todos.

Ao terminar a minha colaboração no passado número, logo pensei em retomar uma

afirmação do Dr. Bagão Félix que me parece um desafio à governação e às próprias famílias que pouca resposta tem tido.

À governação: 1 — «Criar condições que reforcem o carácter global e integrado das várias políticas sectoriais e redistributivas com incidência familiar»; 2 — «Proteger a maternidade e paternidade como valores humanos e sociais», primários, permito-me acrescentar; 3 — «Fortalecer o associativismo familiar e a voz das famílias na vida social económica e cultural».

Este terceiro ponto julgo-o dirigido também às próprias famílias, pois mal lhes vai se não são elas a reivindicar o seu direito a ser ouvidas a respeito de opções políticas que, pró ou contra, as vão afectar. E sem uma Associação forte a nível nacional, falta-lhes a voz de parceiro social que lhes daria o lugar a intervir em muita legislação que constantemente aparece, umas vezes permanecendo letra morta, outras com consequências nefastas para a instituição familiar. E os dois primeiros pontos seriam, para a referida Associação, objecto de vigilância e de diálogo construtivo com um Governo seriamente empenhado em observá-los.

Pois não se unem nas áreas profissionais e económicas e em outras áreas da vida social — não se unem os comprometidos nelas para defender os seus interesses comuns?

E a Família, acaso não é uma instituição anterior a estas? E mais! — no dizer do citado governante de então, que compartilho — «a família é a instituição que melhor conjuga a diversidade e integridade das aspirações materiais dos seus membros, as posturas cívicas e o código da convivialidade».

Como manter-se a Instituição principal em voz passiva?!

Como, então, manter-se esta Instituição fundamental e, ao mesmo tempo, a cúpula e o fim de todas as outras, em voz passiva?!

Se a nível do Estado há timidez no lançamento de uma política familiar a sério que promova estes três pontos, até pelo incómodo que mais esta voz poderia trazer à já difícil concertação social, que a iniciativa parta do dinamismo das famílias expresso em movimentos de associação que se façam ouvir e transformem a timidez em decisão.

Há cerca de vinte anos, um grupo de que faziam parte alguns Professores universitários

do Porto tentou arrancar um movimento desta espécie. Então era muito difícil. Ninguém do povo tinha voz. E a iniciativa não logrou vencer. Mas hoje é diferente. Há múltiplas vozes de intervenção na coisa pública. Suponho que já não há lugar para iluminados, exclusivos responsáveis pelo bem do povo.

Talvez seja a hora desse grupo voltar à actividade para mentalizar as gentes acerca do valor fundamental da Família e «fortalecer o associativismo familiar e a voz das famílias na vida social, económica e cultural».

Talvez por esta via se alterem pacificamente filosofias assentes na «promoção da riqueza para distribuir riqueza», sabido, como é, que este caminho promove cada vez mais os promovidos e deixa no mesmo ser a maioria.

Há outros valores a jogar com audácia e confiança. Decerto desviarão prioridades ou, pelo menos, desconcentrarão as energias postas nas escolhidas... Mas quem sabe se mais importância dada ao problema de habitação, ao trabalho em tempo parcial para as mães de família e a outras circunstâncias que tão de perto tocam à Família, não irá revelar riquezas que se não medem em cifrão, mas são valores de humanidade capazes de uma promoção mais generalizada e mais autêntica?!

Padre Carlos

ENCONTROS

EM LISBOA

Consumismo...

Quando toda a Igreja se prepara para celebrar o Natal de Jesus Cristo, faz-nos bem meditar no Programa Pastoral 1991/92 da diocese de Lisboa. No seu nº 1 diz-se: «Num ambiente cultural marcado pelo consumismo e pelo desejo, por vezes desenfreado, de posse de bens materiais, que acaba por influenciar a própria vida cristã, a acção pastoral que visa edificar a Igreja como mistério de comunhão não pode deixar de procurar abrir os cristãos para a virtude da pobreza, levando-os a orientar também os seus bens materiais para a realização da missão da Igreja, viabilizando a acção pastoral, praticando a partilha fraterna entre os irmãos, com uma atenção particular em relação aos mais pobres. Só a vida cristã profunda, vivida em comunidades repassadas da caridade, levará a esta disponibilidade que, por sua vez, é elemento decisivo na renovação das comunidades».

Chamou-me a atenção o «ambiente cultural marcado pelo consumismo». Quando se afirma que o ambiente cultural é marcado pelo consumismo, significa que o consumismo já faz parte da vida, é como que natural, não se dá por ele. Todos nos deixamos levar na mesma onda sem nos apercebermos criticamente do que está a acontecer. Reagir contra este modo de vida é, de certa maneira, entrar na marginalidade.

Neste tempo antes do Natal, essa atitude é mais

visível. São os meios de comunicação social, são as ruas, são as lojas de comércio: tudo incita ao consumo. A grande dificuldade para muitas pessoas não é opor-se ao consumismo mas a frustração de não poder consumir mais. Para outros é a ocasião de contrair grandes dívidas com os aliciantes das compras a prestações e, dessa maneira, criar uma prisão para o futuro mais ou menos longo.

Partilha fraterna

Naturalmente que tudo isto não convida nem à partilha nem à solidariedade, nem sequer à possibilidade de as pessoas se encontrarem como pessoas para pensar em conjunto. O esbanjamento, o gasto sumptuoso para impressionar, o sentir-se fora do mundo com uma consciência culpabilizada só porque não se tem isto ou aquilo que os outros têm, desta ou daquela marca, cria a embriaguez do ter que se sobrepõe ao humano ser. No entanto, só quando somos é que a solidariedade pode aparecer. Caso contrário, as máscaras com que nos cobrimos de todas as coisas impedem de nos vermos tais como somos e de olharmos os que estão ao nosso lado como companheiros de caminhada. Os outros passam a ser concorrentes. Todos nos tornamos mercadoria sem coração e sem vida.

Numa destas noites em que o sonho ocupa o lugar do sono e em que, por entre a névoa, se vislumbra a realidade das nossas incapacidades de resposta a problemas que fazem sofrer,

aconteceu-me um encontro inesperado.

Num beco sem nome, numa cidade qualquer, um adolescente de rosto pálido, cabelo em desalinho e olhar baço, fixa-me e interpela: «Porque é que não há lugar para mim?»

Senti um arrepiro percorrer todo o corpo! Gaguejando, iniciei uma tentativa de resposta. As palavras não apareciam e os argumentos eram confusos. Fui interrompido por aquela voz que me interpelava e, sem agressividade, conta algo sobre si: «Tenho pais, tenho casa, tive professores e amas. Tive muitas prendas, muita roupa e muito dinheiro, mas senti sempre a solidão. Quando perguntava isto ou aquilo, via sempre as pessoas atarefadas e sem tempo para me responder. Muitas vezes ouvi: — Vai para o teu quarto brincar com as tuas coisas, não tenho tempo, tenho que trabalhar para te comprar isto ou aquilo. Na escola tentava dar nas vistas e quase sempre era expulso e eu queria apenas que me dessem atenção. Fui crescendo e fui-me habituando a resolver de forma solitária as minhas coisas. Aprendi a dar resposta às vozes do desejo incontrolável sem ninguém para me conduzir pelos caminhos da descoberta da aventura humana. Agora sei tudo, continuo só, incapaz de me ligar a alguém. Sinto que não há lugar para mim».

Acordei daquele pesadelo e reli o Evangelho. «E teve o seu Filho Primogénito, que envolveu em panos e recostou numa manjedoura, por não haver lugar para eles numa hospedaria.»

FOTO JORGE CRUZ



Inauguração da nova Capela da Casa do Gaiato de Lisboa

Como foi anunciado, o grande acontecimento será no dia 4 de Janeiro de 1992, às 15 h. Haverá concelebração presidida por D. José Policarpo e, durante a concelebração, será feita a bênção da nova Capela. Depois teremos muito gosto em oferecer a todos os que estiverem connosco uma pequena merenda que prolongará o convívio.

Não temos a possibilidade de fazer convites pessoais aos que contribuíram para que a nova Capela fosse possível, até porque, como acontece sempre nestas coisas, a maior parte dos contributos foram anónimos. No entanto, gostaríamos de, nesse dia, vermos-nos rodeados de amigos para, em conjunto, louvarmos e agradecermos a Deus este dom. Será um dia de festa em nossa Casa. Convidamos todos para a festa.

Sabemos que as Obras de Deus não são de pedra e cal. Aqui, em nossa Casa, vamos preparar-nos para esse dia, com a oração mais intensa. Pedimos que estejam unidos connosco a Deus nosso Pai e a Maria, a Mãe de Jesus e nossa Mãe.

Padre Manuel Cristóvão



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e Imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 50078898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tiragem média por edição no mês de Novembro: 73.200 exemplares.

Padre Manuel Cristóvão